

Isso não era mais apenas um ponto de interrogação. Dá pra dizer que, se Taylor realmente ferisse um Cavaleiro Cinzento e fugisse, ele teria que considerar se juntar ao círculo dos seus "velhos amigos". Trair o Império... Essa ideia passou pela sua cabeça como um raio. Ele nunca tinha pensado nisso antes — no fundo, ele só queria uma vida tranquila, com a esposa, os filhos e um lar aconchegante. Nunca tinha imaginado que um dia seria empurrado para o limite. Ele olhava, apreensivo, para aqueles gigantes Astartes, com o coração na mão, temendo que os super-humanos naquelas armaduras Terminator o submetessem a um julgamento religioso. Mas quando um dos guerreiros avistou o cadáver sob as esteiras do Frankstein, ergueu o olhar e lançou uma rápida mirada para Taylor, cujas pupilas estavam contraídas de medo. O movimento foi rápido demais para um humano comum. Nas poucas vezes que Taylor interagira com Astartes antes, tanto o sargento dos Ultramarines quanto o pequeno lobo da Patrulha da Lua haviam desacelerado seus gestos para ele. Agora, porém, o Cavaleiro Cinzento se movia como se alguém tivesse apertado o botão de acelerar um vídeo. Mesmo assim, sua primeira frase deixou Taylor completamente confuso. — Venha ajudar, Inquisição. Taylor instintivamente tocou o broche de rosa escondido sob sua roupa. Era por causa disso? O Cavaleiro devia tê-lo confundido com um agente da Inquisição Herética. Não, na verdade, ele tinha recebido o broche — tecnicamente, isso o tornava um agente. A Irmã de Batalha Letrina também foi chamada. — Venha conosco, irmã. Taylor suspirou. Pelo menos não precisava mais temer um ataque pelas costas dos Cavaleiros Cinzentos depois da batalha. Mas agora, ele só podia fazer o Frankstein seguir aqueles guerreiros prateados adiante. Ele estava pessimista. Sabia que enfrentaria uma horda sem fim de demônios. A única diferença era que, hoje, teria a proteção dos lendários Cavaleiros Cinzentos. Era como arrumar um "chefão" pra brigar no seu lugar. E então, ele testemunhou o massacre. Os guerreiros se moviam rápido — muito rápido. Tanto as armaduras Terminator quanto os próprios Cavaleiros Cinzentos faziam os demônios desajeitados parecerem palhaços patéticos. Apesar do tamanho e peso das armaduras, nada atrapalhava seus movimentos. Lâminas prateadas cortavam o ar, e campos de força sibilavam ao rasgar a carne demoníaca. Eles lutavam com a graça dos lendários Eldars, destruindo as fileiras inimigas com espadas energéticas e poderes psíquicos cintilantes. De vez em quando, Taylor erguia sua arma para dar o golpe final em algum demônio agonizante — seja com um tiro ou com as esteiras do Frankstein. A maioria dos demônios que tentavam se aproximar do veículo também não passava pelas Irmãs de Batalha. Por um tempo, o trabalho de Taylor foi tranquilo. Ele podia quase ficar lá dentro tomando chá e lendo jornal enquanto os outros resolviam o problema. Só não entendia por que os Cavaleiros Cinzentos precisavam de ajuda... até que um som abafado de motor ecoou, e uma máquina nojentas de quatro patas surgiu em carga. Era sustentada por membros mecânicos apodrecidos, com algo parecido com um humano embutido no topo — apenas o torso, com pele ulcerada e sujeira escorrendo. O rosto estava tão inchado que mal dava pra distinguir os traços. Taylor rapidamente apontou o meltagun do Roland e atirou, enquanto o ariete do Frankstein abria o torso da criatura ao meio. Um líquido estranho jorrou do metal ainda em chamas, e o monstro começou a se contorcer, fraco. Era um Motor Demoníaco — uma máquina movida por demônios, com criaturas vivas presas sob o metal, alimentadas pelo poder infinito do Caos. Puta que pariu! Nesses últimos tempos, ele tinha visto de tudo. Primeiro as Irmãs de Batalha, depois os Cavaleiros Cinzentos, e agora Motores Demoníacos e um exército de demônios. Com o aumento da intensidade da batalha, Taylor estava a menos de duzentos metros do Grande Impuro. A montanha de carne dava mais medo do que um Titã. Não que fosse mais poderoso — longe disso. Mas justamente por ser menor, a sensação de realidade era mais forte. Um Titã, de perto, eram só dois pés gigantes de metal. Mas aquele maldito era um monstro de verdade! A criatura brandia um tridente enorme enquanto vomitava torrentes de líquido corrosivo. Quando atingia o Frankstein, o blindagem chiava, protestando contra o ácido. Uma Irmã de Batalha morreria na hora se fosse atingida. Até um Cavaleiro Cinzento não resistiria a um jato direto. Enquanto isso, o Grande Impuro avançava, rindo. Nuvens de moscas da peste zumbiam sobre sua cabeça, e seus pés esmagavam Nurglins e Pestigentes. O céu esverdeado e o solo apodrecido fariam com que nada crescesse ali por séculos. O fedor era tão forte que Taylor hesitou por um momento. Até que um Cavaleiro Cinzento

gritou: — O que você está esperando, comandante humano? — Dirija o fogo de artilharia para o inimigo! Taylor entrou em pânico. Ele saiu do veículo e disparou um sinalizador de fumaça na direção das criaturas. Com o impulso da pólvora, o projétil voou centenas de metros e cravou-se no braço do Grande Impuro. Logo, uma fumaça vermelha começou a subir do ferimento. O demônio tentou arrancá-lo, mas antes que conseguisse, uma chuva de projéteis caiu sobre ele. Cada explosão representava a fúria do Imperador. A morte rugia em cada granada de alto explosivo, em cada projétil perfurante. Aquele bombardeio era capaz de reduzir qualquer coisa a pó. Taylor permaneceu na posição, ainda segurando a arma apontada para o demônio, enquanto as tropas imperiais que avançavam testemunhavam a cena. — Meu Deus! — alguém gritou. — Ele se aproximou tanto do demônio só para guiar o bombardeio! Mas o Grande Impuro não cairia tão fácil. O cheiro de enxofre piorou, e a criatura, enfurecida, avançou em direção ao Frankstein com passos pesados. Mesmo crivado de feridas, o poder do Pai Nutridor fazia sua carne apodrecida se regenerar sem parar. Taylor, com o rosto tenso, gritou desesperado: — CORRAM! O motor Frankstein rugiu à vida, uma cena repetida em incontáveis campos de batalha, enquanto o Cavaleiro Cinza falava com frieza:— Como previsto, a irmã e nós cuidaremos dos demônios e fecharemos a fenda no espaço-tempo. Deixe o Barão Sobrevivente atrasar o Grande Impuro!— Mas ele é apenas um mortal — questionou Laitelina, preocupada. O Cavaleiro Cinza ergueu sua arma e avançou contra o inimigo, respondendo:— Com tantas forças o favorecendo, ele está longe de ser comum.— E nós apenas precisamos fazer nossa parte — continuou, sério. — Laitelina, você está preparada?— Para selar o espaço-tempo com seu sangue leal? Para trocar sua vida pela sobrevivência deste lugar? O rosto delicado de Laitelina estava coberto de lama, cinzas e sangue. Enquanto incontáveis legiões demoníacas surgiam da fenda, ela ergueu sua espada-motosserra e a apontou para o próprio coração:— Estou pronta, senhor.— Protegerei este mundo, minha terra natal, à minha maneira.— Se minha frágil alma puder resgatar milhões...CAPÍTULO 110 - LUTANDO CONTRA O GRANDE IMPURO? PARTE 1O corpo inchado e grotesco avançava rapidamente pela linha de frente. Pela primeira vez, Taylor pensou em usar "ágil" e "rápido" para descrever uma massa monstruosa de vinte metros de altura. Agora, ele tinha que admitir: a capacidade de movimento e poder de combate da criatura alcançavam níveis impressionantes. A gordura balançava de maneira quase hipnótica, se não fossem os jorros de líquido verde que escapavam de seu corpo! Seus braços imundos estavam cobertos de furúnculos e poros infectados, suficientes para desencadear crises em quem tem medo de buracos. Seu rosto horrendo e as costas rachadas de maneira antinatural se contorciam, revelando uma espinha dorsal ressecada. O enorme tridente podre girava no ar, enquanto seu ventre expelia um ácido capaz de dissolver até mesmo os ossos de um mortal. O líquido pegajoso que cobria sua arma parecia nojento, mas era duríssimo, imune até aos ácidos que corroíam metais preciosos. O tremor de seus passos fazia Taylor sentir-se enjoado e desequilibrado. Aquele "irmão gorducho" parecia tão calmo à distância... quem diria que algumas bombas o enfureceriam tanto. Quanto mais quieto, mais violenta a explosão? Observando o demônio gigante se aproximando, Taylor soltou um riso amargo consigo mesmo. Seu peculiar senso de humor, do tipo que ninguém consegue achar graça. O fedor sufocante acompanhava sua corrida. Os respingos de fluidos corporais voavam como gotas de suor de seu corpo colossal. Mesmo assim, Taylor agradecia estar enfrentando um grande demônio de Nurgle, e não as criaturas velozes de Slaneesh ou os astutos e mutantes discípulos de Tzeentch. Era a única razão pela qual ainda respirava. No terreno lamacento e cheio de trincheiras, o Frankstein mal conseguia acelerar. A criatura não mostrava sinais de cansaço — se é que demônios sequer cansam? Agora, a questão era como sobreviver. O monstro era enorme e durável. Se não fosse a manutenção impecável do Frankstein, já estariam mortos. Talvez este fosse o fim? Devorado por uma massa fedorenta e decomposta, mastigado até virar uma mancha no chão, menos que excremento, apenas outra poça de fluido repugnante... Só de imaginar, Taylor perdia o sono. E agora, um erro seria o suficiente para tornar isso realidade. Com mãos trêmulas, ele pegou o fusor térmico e se esticou para atirar — só para quase ser atingido por um jorro de toxinas viscosas. O disparo queimou parte da carne do monstro, mas apenas o deixou mais furioso. O cheiro de gordura queimada se misturou ao odor de sangue podre, criando um aroma nauseante. Parecia que

explosivos convencionais seriam mais eficientes. — Estamos acabados... — Taylor murmurou, como em transe, enquanto enfiava um ás de copas no peito, implorando por sorte. Mas talvez cartas nunca trouxessem sorte para ele. O monstro ergueu seu tridente com força suficiente para arremessar um humano como uma folha ao vento — literalmente. — Maldito! Tenho a proteção deste ás! Trocaria todas minhas vitórias no pôquer por uma chance de sobreviver! Mal terminou a frase, uma rajada arrancou a carta de seu peito. O quê?! Taylor assistiu, pálido, enquanto seu "amuleto" o abandonava. O tridente se aproximou, e ele se jogou dentro do Frankstein, agarrando-se a uma alça. O impacto levantou o veículo inteiro, amassando todo o lado direito. Nunca em sua existência o Frankstein sofrera tamanho dano — como se tivesse levado um tiro de canhão direto. O ruído metálico era aterrorizante. Muitos ficaram com os ouvidos zumbindo. Era esse o poder de um grande demônio? Que tipo de monstros eram aqueles heróis do Império que enfrentavam tais criaturas? Taylor lembrou de figuras lendárias como Dante, Comandante dos Anjos Sangrentos, ou a Santa Viva Celestine. Tentou imaginar algum mortal comum que houvesse derrotado um grande demônio... Só um nome veio à mente. Sly Marbo... Não, não. Ele não servia como parâmetro. Mas, tirando os Catachans, Taylor realmente não conseguia pensar em ninguém mais.

<http://portnovel.com/book/29/4759>